

**GERAÇÃO Z E O GRITO CANTANTE:  
LIBERDADE CRIATIVA EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**GENERATION Z ANDO THE SINGING CRY:  
CREATIVE FREEDOM IN PORTUGUESE LANGUAGE CLASSES**

**GENERACIÓN Z Y EL GRITO DE CANTO:  
LIBERTAD CREATIVA EM LAS CLASES DE LENGUA PORTUGUESA**

Michelle de Souza Prado<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo é um recorte de experiência retirado de nossa prática docente em língua portuguesa da rede pública estadual paulista. Trata-se de paródias musicais desenvolvidas por adolescentes para estudo de textos da tipologia argumentar. Somente após findada a passagem didática, revisitando o produto à luz de referencial teórico, constatamos um discurso em muitas destas canções que traz dados sobre a realidade de dentro dos muros escolares, percepções críticas do espaço e de si enquanto membro de um corpo escolar. Em face do exposto, a discussão apresentada será do tipo estudo de caso cuja abordagem é fenomenológica, dado o caráter de experiência vivida com o pesquisador inserido no contexto e que revisita o material após sua conclusão. Nosso referencial teórico teve por base Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), o qual dialogou com Vygotsky (1996a, 1996b), Kehl (2004), Vargas Gil Souza (2004), Fonseca (2011), entre outros.

**Palavras-chave:** Língua portuguesa; adolescência; paródias.

**Abstract:** This paper is an excerpt of experience taken from our teaching practice in Portuguese classes from the state public schools of São Paulo State. These are musical parodies developed by teenagers in order to study texts of the argumentative typology. After finishing the didactic sequence, with a review of the product according to the theoretical references, we noticed a discourse in many songs, which provides information about the reality within the school walls, critical perceptions of space and of oneself as a member of a school body. Based on the above, this discussion will be a case study type with a phenomenological approach, considering the character of living experience in which the researcher is inside of the context and reviews the material after its conclusion. Our theoretical references were based on Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004) who dialogued with Vygotsky (1996a, 1996b), Kehl (2004), Vargas Gil Souza (2004), Fonseca (2011), among others.

**Keywords:** Portuguese language; adolescence; parodies.

**Resumen:** Este artículo es un recorte de experiencia tomado de nuestra práctica docente en portugués en la red pública estatal de São Paulo. Son parodias musicales desarrolladas por adolescentes para estudiar textos de la tipología argumental. Solo después de terminar el pasaje didáctico, revisitando el producto a la luz del referencial teórico, encontramos en muchas de estas canciones un discurso que aporta datos sobre la realidad dentro de los muros escolares, percepciones críticas del espacio y de uno mismo como miembro de una escuela. cuerpo. En vista de lo anterior, la discusión presentada será un estudio de caso cuyo abordaje es fenomenológico, dado el carácter de la experiencia vivida con el investigador inserto en el contexto y que retoma el material después de su conclusión. Nuestro marco teórico se basó en

---

<sup>1</sup> UNESP (CAPES)/Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Dolz, Noverraz y Schneuwly (2004), quienes dialogaron con Vygotsky (1996a, 1996b), Kehl (2004), Vargas Gil Souza (2004), Fonseca (2011), entre otros.

**Palabras clave:** Lengua portuguesa; adolescencia; parodias.

## Introdução

Este material é resultado de uma sequência didática para desenvolvimento de conteúdo e habilidades previstas na matriz de competências estadual. Somente após findada a passagem didática, revisitando o produto à luz de referencial teórico pertinente, constatamos um discurso em muitas destas canções juvenis parodiadas que traz dados sobre a realidade de dentro dos muros escolares, percepções críticas do espaço e de si enquanto membro de um corpo discente. A princípio, o objetivo central da sequência didática (SD), baseada na organização proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) era o desenvolvimento do gênero tipológico argumentar conforme previsto para o primeiro ano do ciclo médio, dispostos nos documentos oficiais como o Parâmetro Curricular Nacional de Língua Portuguesa – Ensino Médio (2000)<sup>2</sup> e o Currículo Oficial do Estado de São Paulo – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (2008)<sup>3</sup>. Válido é explicitar o que é uma SD segundo os autores: “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, 2004, p. 82).

Os alunos tiveram, dentro da parametrização por etapas de uma SD, com objetivo de desenvolver a competência argumentativa, liberdade poética para criar paródias musicais sobre um tema que dialogasse com o contexto em que vivenciavam, à época, aproveitando-se do arranjo musical já existente em contexto real, de escolha livre, desenvolvendo texto autoral, seja em grupo de colegas ou de forma individual. No produto, assomaram-se muitas criações musicais, de vertente parodística conforme sensibilização da etapa inicial da SD, sobre o próprio contexto escolar, dito de outra forma, uma visão sobre si, relacionado ao sistema do qual eram integrantes. Em face do exposto, a discussão apresentada será do tipo estudo de caso cuja abordagem é fenomenológica, dado o caráter de experiência vivida com o pesquisador inserido no contexto e que revisita o material após sua conclusão. Nosso referencial teórico teve por base a sequência didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), dialogando com os pontos de apoio como Vygotsky (1996a, 1996b), Kehl (2004), Vargas Gil Souza (2004), Fonseca (2011), entre outros.

Imagine um espaço que tenha muros altos, alambrados, cercas elétricas e várias divisórias que estão trancafiadas entre uma seção e outra. Um prédio amplo com muitas segmentações que separam as pessoas em seu interior e as organiza. São quadrados enumerados e com superlotação. Um pátio com escassos recursos para descanso e divertimento ou nenhum recurso. Neste mesmo espaço há bedéis que circulam para manter a ordem e caso haja desordem, algumas punições são passíveis de serem aplicadas. (FOUCAULT, 1987). O horário é dividido de forma organizada e pré-estabelecida, incluindo as saídas para um banho de sol, água e banheiro. As cores do ambiente são frias e neutras. O estabelecimento apresenta rachaduras, tinta descascada e dilapidações variadas.

Certamente, após rememorar as instalações das unidades prisionais, se já houve ocasião para conhecer a realidade de diversas escolas de segmento público, sobretudo, jurisdicionadas ao poder estatal, será possível lembrar de algumas delas após a descrição do cenário. Apesar da realidade cotidiana de muitas destas instituições, serem a carência de infraestrutura e o

<sup>2</sup> Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa Ensino Médio*. 2 ed. Brasília: MEC/SEF, 2000.

<sup>3</sup> SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. *Currículo do Estado de São Paulo: linguagens, códigos e suas tecnologias*. São Paulo: SEE, 2008.

elevado número de alunos matriculados por série, professores e equipe gestora esforçam-se em prol de promoção da aprendizagem.

Com base neste objetivo, subsidiar métodos para o ensino de conteúdo, em uma dada escola estadual do interior paulista, ciclo médio, com a finalidade de desenvolver as competências de leitura e escrita em gêneros argumentativos para adolescentes entre 14 e 16 anos, como está descrito nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000) de Língua Portuguesa e no Currículo Oficial do Estado de São Paulo (2008), desenvolvemos uma sequência didática, doravante SD. O desfecho da sequência foi voltado para a criação de músicas parodiadas, batizadas de paródias-okê, assim a chamaremos por serem paródias cantadas como se fossem *karaokês*, ou seja, letras originais dos alunos-autores com o instrumental de músicas já conhecidas do público em geral. As letras e o repertório dos jovens nos trouxeram informações muito além do aprendizado conteudista em língua materna.

### **Um olhar metodológico para as paródias musicais**

Ensinar a tipologia argumentar depende do grau de letramento do indivíduo, seu repertório e conhecimento de mundo. Mediante as demais tipologias textuais, será a que mais apresenta um refinamento. Por isto, optamos em apresentar vários gêneros verbais e não-verbais, com veio argumentativo e em especial, paródias, por ser um tipo que, ao mesmo tempo que dialoga com a obra original, a subverte de forma crítica e cômica para um determinado interesse. A comicidade e a ironia são aspectos que captam a atenção do público juvenil, algo que os diferem das crianças. Vygotsky (1996a), aponta que a adolescência, vista como uma idade de transição, de mudanças de interesses e construção de personalidade. “Por tanto, las estructuras de las funciones psíquicas superiores vienen a ser la copia de las relaciones colectivas, sociales entre los hombres” (VYGOTSKY, 1996a, p. 228).

Decidimos, ao longo de nossa SD, apresentar à classe, músicas parodiadas que mesclavam sucessos musicais atuais e quadros sociais, políticos e econômicos da época em que estávamos. Com a grande receptividade dos alunos, como proposta de um produto para encerrarmos o plano de aula, solicitamos ao grupo que com o auxílio de seus aparelhos celulares, em equipe ou de forma individual, elessem um aspecto da realidade que gostariam e desenvolvessem sua própria música-paródia. Tinham liberdade de utilizar as músicas com as quais possuem maior afinidade e desenvolver a letra texto da canção. A gravação da versão construída, para ser socializada em sala, poderia ser como definissem: apenas voz, com vídeo, violão, som etc. Podemos levar em conta de que a música é um expediente agradável ao jovem, promovendo sua assunção identitária. “Neste sentido, a música, a poesia, teatro, a dança, centralizam os interesses dos jovens como formas grupais e vão além do fazer parte de um grupo por interesses comuns” (VARGAS GIL SOUZA, 2004, p. 57).

Consideramos exitosa a atividade, porque competências e habilidades no conteúdo mencionado, gênero argumentativo, foram trabalhadas e os alunos, sem o rigor do academicismo da escrita, o que, muitas vezes, é um obstáculo para a iniciação no fazer e revisar as produções textuais, rotina que os jovens costumam reclamar, aderiram com maior entusiasmo por mesclar gostos pessoais, caso da música e o uso de aparelhos celulares, liberdade de escolha do tema e do modo de executar a composição. A maior parte das paródias produzidas convergiram para o mesmo assunto, pois foram sobre a própria escola em que estávamos, os professores, diretores e regras da instituição. Literalmente, cada produto teve sua voz e estilo próprio e a manifestação de singulares olhares sobre o mesmo espaço, indivíduos e experiências. “Compreender o fenômeno de forma dialética significa dizer que a palavra ou a linguagem externa não são meramente reprodução do

discurso ou fala interna, mas, sim, a materialização do pensamento, modificando e transformado no processo de externalização do pensamento” (FONSECA, 2011, p. 68).

Este preâmbulo é para situar aqueles que acompanham este trabalho ao fato de que o material que aqui compartilharemos surge de forma espontânea, dito de outra forma, por obra criativa dos adolescentes-autores, como o retorno dos estudantes ao plano de aula aplicado por meio de SD, o produto das etapas do plano de aula. Explicar o lugar que se fala, qual o discurso que nos norteia para conferir o status e a legitimidade do que extraímos e analisamos (FREZZA; MARASCHIN; SANTOS, 2009). A sistematização metodológica poderá ser realizada pelo método fenomenológico, com cunho de estudo de caso. Bicudo (1994), define a fenomenologia como:

[...] Os procedimentos, porém, são inseparáveis do fenômeno interrogado, e, portanto, do pesquisador. Neles estão presentes a busca do rigor e algumas concepções que dizem da interpretação do mundo, como: fenômeno, realidade, consciência, essência, verdade, experiência, *a priori*, categoria, intersubjetividade. Ao abordar estes temas, estou pondo em destaque a primeira e segunda unidades de significados apontadas “investigação direta e a descrição de fenômenos que são experienciados conscientemente” e ‘tão livre quanto possível de preconceitos’ (BICUDO, 1994, p. 17).

Sem dúvidas, tanto os adolescentes, quanto nós, na figura de docente responsável pela disciplina e aplicação da SD, vivenciamos uma experiência coletiva envolvendo os adolescentes e forma com que se expressam, “abordar a juventude, na normalidade de seu cotidiano é tarefa importante, caso queira empreender uma reflexão sobre a sociedade atual” (VARGAS GIL SOUZA, 2004, p. 48), fenômeno descrito pelas duas composições que decidimos destacar para esta reflexão.

### **Vozes juvenis sobre as políticas públicas**

Dentre as inúmeras letras produzidas, destacaremos as duas, abaixo. O Texto 1, intitulada pelo estudante de “Instituição” (2016), é uma paródia da música “Construção” (1970) de Chico Buarque. O Texto 2, intitulado “Diário de um aluno” (2016), foi criado a partir da paródia da música “Diário de um detento” (1992), Racionais MC’s:

Texto 1: Paródia: Instituição (2016)  
Versão de “Construção” (Chico Buarque, 1970)

Ela é dona de uma estrutura trágica  
Ela é mantida com dinheiro público  
Tijolo com tijolo num desenho lógico  
Alunos embotadas de pobreza e dúvida  
E não depende só de um esforço ético  
Governo é traiçoeiro tem suas dinâmicas  
Chorar e soluçar não vai virar a página  
Pra eles isso não passa de uma música  
Devemos nos unir como um grande exército  
E atacá-los com o pensamento lúcido  
Talvez assim teremos um pouco de glória  
A paz não é leal nesta jovem pátria  
Democracia aqui não passa de falácia

Por essa escola a estudar  
Por essa aula a assistir  
Por essa prova a provar  
Esse saber assumir  
Deus lhe pague  
O capital a girar  
E pelo pobre a cair  
O consumismo que é lindo  
Novela, moda e atriz  
Deus lhe pague!

Texto 2: Paródia: Diário de um aluno (2016)  
Versão de “Diário de um detento” (Racionais MC’s, 1992)

Aqui estou na escola  
Sob o olhar sanguinário do Marcola,  
Você não sabe como é caminhar  
Com a cabeça na mira da diretora.  
Metralhadora Alemã ou de Israel  
é quando a nota vai pro papel.  
No corredor em pé,  
Mais um cidadão José  
Servindo o Estado com But Bom,  
Vou pro intervalo comer um pão,  
Será que eu vou pra direção?  
Será que vou tomar suspensão?  
Mando a mensagem e vejo a manhã passar  
Guardo o cel pra prô não tomar  
Cada aluno, uma mãe, uma crença  
Se apronto levo a sentença  
Mas conheço os alunos  
Meu irmão, aqui não tem santo  
Tic-Tac ainda é 9h40  
O relógio na escola anda em câmera lenta  
Ratatá eu vou bagunçar  
Ratatá, o diretor vi passar, comendo pimenta,  
Olha o 1ºG em câmera lenta,  
Como raio por dentro a caminho do centro.  
Minha média não tem tanto valor,  
como o seu “cecê” aquele fedor  
Hoje tá difícil  
Não saiu o sol  
Hoje não é quinta,  
Não tem futebol,  
Graças a Deus e à Virgem Maria,  
Falta só uma aula, uma semana e uns dias  
Nada deixa os moleques mais com medo  
Como um boletim vermelho  
Moleque se diz então se quer o quê?  
A diretora tá lá esperando você!

Bagunçar na escola é sem futuro  
 Sua cara fica branca desse lado do muro  
 Nesta sala todo mundo senta perto  
 Tem até aluno do “xxxxxxx”<sup>4</sup>

A escolha por estas duas paródias-okê em específico, dentre todas as outras realizadas, deve-se por dois fatores. O primeiro é ilustrar como foi variada a gama criativa dos alunos com referências musicais e estilos para tratar do cotidiano escolar. O segundo é o alinhamento de alunos distintos, cada um seguindo suas predileções pessoais, por composições que são consideradas manifestos do contexto histórico em que foram compostas. A canção de Chico Buarque, MPB (Música Popular Brasileira), realizada por um grupo de intérpretes ligados ao espaço intelectualizado, de grandes festivais musicais, é entendida como um manifesto cifrado contra à Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). “O desenho, ao se transformar em mágico, sugere o arrebatamento de uma não-consciência, estado próximo da morte, que num não-tempo (o tempo da ditadura) é simulacro de êxtase e liberdade” (NAPOLITANO, 2003, p. 120).

Já o rap, estilo consagrado pelos jovens, de início, nas ruas e periferias urbanas, é a declaração das condições adversas da vivência dos presidiários até o momento da chacina do Carandiru (1992). “E, paralelamente, insere a estória num contexto histórico cronologicamente determinado: o dia 2 de outubro de 1992, ou seja, o dia do massacre desencadeado pelas forças policiais do Estado contra os presidiários do Carandiru” (CONTIER, 2005, [n. p.]).

Ao lermos as letras construídas sob a égide de músicas já consagradas em seus estilos, vemos os autores trazendo à tona seus argumentos sobre o sistema escolar, ou seja, dialogando com seus interlocutores, no caso todos nós, sobre o que eles consideram aspectos importantes de serem debatidos como a qualidade do ensino público e a repressão escolar para aqueles estudantes que não se encaixam a um padrão considerado aceitável, dentro da cadeia educacional, de comportamentos ou notas. Neste aspecto vemos que a tipologia argumentar está sendo exercitada dentro de um gênero parodístico musical.

Na primeira paródia, o aluno faz paralelo da instituição escolar enquanto construção mantida com recursos públicos, “*Ela é mantida com dinheiro público*”. Na segunda, o adolescente estabelece simetria entre a vida de um aluno, no caso ele próprio e a de um detento, lembrando que também as unidades prisionais são mantidas pelo poder público, “*Aqui estou na escola, sob o olhar sanguíário do Marcola*”, vigiado como um preso, “*Você não sabe como é caminhar/Com a cabeça na mira da diretora*”, a gestora que ora faz o papel de policial na canção, ora é a juíza de acusação, além de aproximações claras entre tempo escolar e tempo na cadeia, conduta e regras.

Se ainda restar dúvidas sobre a comparação entre escola e penitenciária, basta rever os versos da música original dos Racionais MC’s<sup>5</sup>. Em itálico, a letra do *rapper* Mano Brown, ao lado, os versos do adolescente: “*Será que o juiz aceitou a apelação?*” [...] – *Será que eu vou pra direção?; Cada detento uma mãe, uma crença/Cada crime uma sentença*” – “*Cada aluno, uma mãe, uma crença/Se apronto levo a sentença*”; *Tic, tac, ainda é 9h40/O relógio da cadeia anda em câmera lenta/[...]* – “*Tic-Tac ainda é 9h40/O relógio na escola anda em câmera lenta*”; “*Mas eu conheço o sistema, meu irmão./Aqui não tem santo*” – *Mas conheço os alunos/Meu irmão, aqui não tem santo.*

Ambas as interpretações traçam formas de perceber a realidade como alunos de dentro das unidades de ensino: “*Alunos embotados de pobreza e dúvidas*”, Texto 1, “*Sua cara fica branca desse lado do muro/Nesta sala todo mundo senta perto*”, Texto 2. “Uma relação de fiscalização definida e regulada, está inserida na essência da prática do ensino: não como uma

<sup>4</sup> Mantivemos em sigilo o nome do bairro da cidade do interior paulista citado.

<sup>5</sup> Letra de música na íntegra em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/63369/>. Acesso em: 24 nov. 2018.

peça trazida ou adjacente, mas como um mecanismo que lhe é inerente, e multiplica sua eficiência” (FOULCAULT, 1987, p. 158).

Em que pese a questão de que estes jovens, matriculados no ensino médio, com idade em torno de 16 anos, utilizaram-se de repertório sócio-histórico (VYGOTSKY, 1996b) de décadas anteriores ao seu nascimento para tratar das vivências atuais. “Compreendendo assim sentido e significado, pode-se afirmar serem categorias históricas que representam uma complexidade e mutabilidade em construção, decorrentes das condições concretas de vida dos sujeitos” (FONSECA, 2011, p. 68).

Kehl (2004), salienta que o conceito de juventude tem ficado cada vez mais abrangente e elástico, contudo, é na passagem da infância para a adolescência que a pulsão sexual, o desejo pela liberdade e pelo gozo, são mais fortes devido a liberalização hormonal pungente e as manifestações de vontades. O desejo dos adolescentes, sintomas de sua cultura, em “Diário de um aluno”, é pela atividade recreativa, “*Hoje tá difícil/Não saiu o sol/Hoje não é quinta/Não tem futebol*”, não ir para diretoria, poder bagunçar. Já em “Instituição”, é pela mobilização em prol da “escola a estudar” e da “aula a assistir”, para que o aluno menos favorecido possa, também, vir a participar do “capital a girar” e do “*Consumismo que é lindo/Novela, moda e atriz*”, ainda que este verso tenha um tom de sarcasmo expressando a crítica de quem o produziu. “Essa transformação do adolescente em fatia privilegiada do mercado consumidor inaugurada nos Estados Unidos e rapidamente difundida no mundo capitalista trouxe alguns benefícios e novas contradições” (KEHL, 2004, p. 93). Ou ainda, “as políticas públicas deveriam se ocupar de prevenir a exclusão mais do que de reinserir os excluídos” (ZALUAR, 1997, [n. p.]).

De forma consciente ou não, as músicas que serviram de mote e pano de fundo para a elaboração das versões parodiadas, são períodos de repressão e silenciamento daqueles que destoam da ordem vigente, Ditadura (1964) e a carnificina do Carandiru (1992). A letra que os jovens desenvolveram, emparelham-se com esta essência de denúncia da arbitrariedade das políticas públicas daqueles períodos históricos, em que houve exílios e presos políticos por intermédio da repressão militar e, no outro, a decisão, também política, pelo massacre de mais de cem presos, sem levar em consideração o discurso dos sujeitos diretamente agredidos, como quando escutamos na paródia “Instituição” (2016): “*Pra eles isso não passa de uma música/ Democracia aqui não passa de falácia*” e na paródia “Diário de um aluno”: “*Metralhadora Alemã ou de Israel é quando a nota vai pro papel./[...]Servindo o Estado com But Bom*”, o que torna mais importante não é o que o estudante pensa, mas o conceito que estampa a ficha estudantil: aprovado e reprovado. Vargas Gil Souza (2004, p. 54), justificam que:

Abramo (1997), analisando a juventude no Brasil, afirma que, apesar de terem sido alçados à categoria de *problemas sociais*, os jovens não têm ocupado o mesmo espaço na formulação das políticas públicas e que são raras as experiências que os consideram como interlocutores significativos. Em geral, as políticas são feitas da ótica do adulto e não da ótica dos direitos da juventude.

Estar em contato na escola com os adolescentes e, sobretudo, quando temos devolutivas construídas socialmente, caso destas paródias e seu conteúdo, é tomar consciência do que muitos autores salientam (VYGOTSKY, 1996a, 1996b; FONSECA, 2011; KEHL, 2004; LICO; WESTPBAL, 2010) que a fase é demarcada não apenas pelo florescimento biológico, com desenvolvimento de características sexuais, como também, de maturação e crescimento de interesses pessoais, um engajamento com temas socioculturais.

Problematizar as práticas do interior escolar, levando em consideração que são unidades governamentais, é dar visibilidade às questões ligadas a educação, pauta que está circunscrita em políticas públicas. (LICO; WESTPBAL, 2010; FREZZA; MARASCHIN; SANTOS, 2009; ZALUAR, 1997). E é possível constatar nas autoindagações (Será que vou tomar suspensão?),

afirmações (A paz não é leal nesta jovem pátria) e ordenamentos (Moleque se diz então se quer o quê?/A diretora tá lá esperando você!) presentes nas paródias uma ansiedade de comunicar o que sentem e experimentam enquanto membros escolares. “Numa segunda vertente, denominada como classista, a juventude é considerada um conjunto social necessariamente diversificado, em razão das diferentes origens de classe, que apontam para uma diversidade das formas de reprodução social e cultural” (LICO; WESTPBAL, 2010, p. 28).

Apropriaram-se de objetos nacionais para colocar a escola e a educação não apenas como o local em que estão boa parte de sua adolescência, mas como uma dimensão política, a qual tem direito ao acesso e permanência de qualidade, “*Bagunçar na escola é sem futuro*” (Texto 2), “*Governo é traiçoeiro tem suas dinâmicas/Chorar e soluçar não vai virar a página*” (Texto 1). Lico e Westpbal esclarecem que a definição de sujeito construído historicamente, dentre outros fatores, apoia-se na: “emergência massificada, plural e intensa de novos atores sociais, reformas legislativas e novos contratos sociais para reconhecer e atender às necessidades específicas e às dimensões da nova condição juvenil” (2010, p. 29).

Aliás, válido é ressaltar que, distintamente do original “Construção” em que o operário tem um final trágico, em meio a embriaguez e delírio, desanimado com seu destino e sem esperança de melhorias, salta à morte, na paródia “Instituição”, o manifesto é de luta, como um carta aberta, convite a todos, pela insurgência: “*Devemos nos unir como um grande exército/E atacá-los com o pensamento lúcido/Talvez assim teremos um pouco de glória*”. Eles não esperam que a mudança venha de um adulto, mas que ocorra pela luta e tomada de consciência de todos e para tanto será necessário pensar em leis e movimentos que aconteçam não *para* o jovem, mas *com* o jovem.

Sendo assim, as ações de políticas públicas de juventude podem tanto contribuir para criar novos sentidos e práticas para e pelos jovens como podem, simplesmente, reforçar as concepções e modos de viver dominantes reservadas à juventude dita em maior vulnerabilidade social (FREZZA; MARASCHIN; SANTOS, 2009, p. 316).

Estar vulnerável ou excluído, pensando nas acepções esboçadas por Zaluar (1997), ao ver dos adolescentes, seria não atingir o capital cultural e simbólico que as escolas têm como função precípua transmitir. Por isso o medo do “boletim vermelho”, não adquirir o aprendizado, e a preocupação pela “prova a provar” e “esse saber assumir”. Situações que, via de regra, os excluíam não apenas na possibilidade da promoção escolar, como também das oportunidades de ascender a outro patamar financeiro e ao futuro através do sucesso escolar.

### **Considerações finais**

Ao trabalharmos uma sequência didática com a finalidade de desenvolver a tipologia argumentar, o produto, ou seja, o resultado das etapas foram peças pujantes sobre o interior dos muros escolares, a visão de dentro e sem ser de professores e gestores. Podemos considerar que houve sucesso no que tange o ensino e apropriação argumentativa, porque a paródia, por ser um gênero com menos rigor tecnicista, possibilitou a liberdade de posicionar-se sobre algo que conhecem muito bem: a rotina educacional. Mais livres, podendo até se valer da linguagem informal como é possível observar em certos versos, apropriaram-se como sujeitos sócio-históricos de seu poder de fala e entregaram de forma organizada e poética o que sentem, pensam e realizam sobre educação. Dito de outra forma, mobilizaram seu repertório argumentativo, fizeram escolhas de hinos musicais que muito dialogam com o sentido que queriam imprimir ao seu texto e trouxeram suas ideias e ideais com cunho argumentativo,

Como ponderações das reflexões realizadas, podemos inferir que a cultura juvenil é rizomática na medida em que possui um movimento ramificado, plural e, ao mesmo tempo, todas as ramificações configuram um tronco em comum, como quando observamos as diferenças de cada paródia-okê para tratar de um mesmo aspecto pelos adolescentes experienciado: a vida escolar pela ótica da narrativa e crítica sobre seu *modus operandi*.

A partir de uma escuta sensível que, em nosso caso específico, assume um valor duplo, ouvir as composições realizadas em aulas de língua materna e, paralelamente, atentar aos manifestos trazidos em cada verso e estrofe por eles escrita sobre sua sujeição e participação na educação, já entendida pela juventude como uma obrigatoriedade do sistema governamental e como faceta das políticas públicas, cujo objetivo seria equiparar diferenças sociais, controlar as ações do indivíduo, manter a ordem, dar um futuro por meio do estudo.

Vale esclarecer que não apenas estes dois exemplos que trouxemos, como também as outras paródias-okê apresentadas em sala de aula, após o término da SD, tinham uma mesma vertente, de não desabonar a escola, ao contrário, apontavam, com desejos vivazes, interesse de que mudanças de dentro e fora dos muros da instituição aconteçam para que os jovens estudantes tenham um ensino com melhores condições.

## Referências

BICUDO, M. A. V. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO, M. A. V.; ESPOSITO, V. H. C. (Org.). *Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: UNIMEP, 1994. p. 15-22.

CONTIER, A. D. O rap brasileiro e os Racionais MC's. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 1., 2005, São Paulo. *Proceedings online...*, 2005, [n. p.]. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC000000082005000100010&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100010&lng=en&nrm=abn). Acesso em: 26 nov. 2018.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J. SCHNEUWLY, B. (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. R. Rojo e G. S. Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. p. 81-108.

FREZZA, M.; MARASCHIN, C.; SANTOS, N. I. S. Juventude como problema de políticas públicas. *Psicologia & Sociedade*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 313-323, 2009.

FONSECA, D. C. Adolescência e subjetividade: pressupostos teóricos para uma análise dos sentidos e significados no campo da saúde. *Educação: Teoria e Prática*, v. 21, n. 36, p. 63-83, 2011.

FOULCAULT, M. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 5. ed. Trad. L. M. Pondé Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, R.; VANNCHI, P. (Org.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 89-114.

LICO, F. M. C.; WESTPBAL, M. F. Os jovens no contexto das políticas públicas. In: WESTPBAL, M. F.; BYDLOWSKI, C. R. (Org.). *Violência e juventude*. São Paulo: HUCITEC, 2010. p. 25-39.

NAPOLITANO, M. Hoje preciso refletir um pouco: ser social e tempo histórico na obra de Chico Buarque de Hollanda, 1971/1978. *História*, v. 22, n. 1, p. 115-134, 2003.

VARGAS GIL SOUZA, C. Z. Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. *Ultima décad.*, Santiago, v. 12, n. 20, p. 47-69, jun. 2004. Disponível em [http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-22362004000100003&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-22362004000100003&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 12 abr. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22362004000100003>.

VYGOTSKY, L. S. Desarrollo de los intereses en la edad de transición: dinámica y estructura de la personalidad del adolescente. In: VYGOTSKY, L. S. *Obras escogidas IV: psicología infantil* (incluye paidología del adolescente. problemas de la psicología infantil). Madrid: Visor Dis, 1996a. p. 11-46.

VYGOTSKY, L. S. Dinámica y estrutura de la personalidad del adolescente In: VYGOTSKY, L. S. *Obras escogidas IV: psicología infantil* (incluye paidología del adolescente. problemas de la psicología infantil). Madrid: Visor Dis, 1996b. p. 225-232.

ZALUAR, A. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 12, n. 35, [n. p.], 1997.

### **Sobre a autora**

**Michelle de Souza Prado.** Graduação em Letras (UNESP), Pedagogia (UFSCar), Letras Libras (EFICAZ). Mestre em Letras (UNESP). Especialista em Letras (UEM), Atendimento Educacional Especializado (UEM), Mídias na Educação e Libras (UNICENTRO). Professora da educação básica.

E-mail: [michelle\\_prado@hotmail.com](mailto:michelle_prado@hotmail.com).